

Conectando Inteligências Múltiplas Através do Ensino a Distância: Rumo a uma Inteligência Coletiva?

Leandro Mauricio Medeiros Vieira

Marcos Ferasso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

Este ensaio teórico aborda uma reflexão em torno da Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, e das possibilidades que surgem através do modelo de ensino conhecido como Educação Aberta e a Distância (EAD). Reconhece-se que o sistema educacional tradicional ainda está engessado no padrão de transmissão de conhecimento no sentido professor-aluno. Através do EAD, é possível operar uma revolução nas práticas pedagógicas tradicionais, atendendo a pessoas que possuem diferentes formas de apreensão cognitiva. O instrumento traz em si o potencial de construção coletiva do conhecimento, respeitando os diferentes tipos de inteligência dos atores envolvidos. As conclusões abrem novos questionamentos para futuros trabalhos, procurando enxergar o EAD não apenas como um mero instrumental que amplia os alcances da educação, mas como um meio para atingirmos novos níveis de compreensão e consciência, refletindo acerca do próprio papel da educação.

Palavras-Chave: Educação a distância. Inteligências múltiplas. Conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

O despertar da humanidade será um processo coletivo ou não será nada. A mesma luz atravessa todas as gotas.

Pierre Lévy

O presente ensaio nasce da reflexão em torno da Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, e das possibilidades que emergem através do modelo de ensino conhecido como Educação Aberta e a Distância (EAD).

O sistema tradicional de ensino está, ainda, muito vinculado à noção de que existe apenas um único tipo de inteligência, passível de ser medido através de testes de QI ou similares. O advento das novas tecnologias digitais - principalmente as ferramentas da Internet que possibilitam a interação humana no *ciberespaço* (o termo será definido mais adiante) – permitiu um incremento substancial da modalidade de ensino a distância. Através do EAD, é possível operar uma revolução nas práticas pedagógicas tradicionais, atendendo a pessoas que possuem diferentes formas de apreensão cognitiva.

CASTELLS (1999) prevê que o futuro da educação será a combinação do ensino *on-line* a distância com o ensino *in loco*. A operação se dará em redes “entre nós de informática, salas de aula e o local onde esteja cada aluno”.

As conseqüências das mudanças em curso ainda são fontes de muita discussão e reflexão. Apresentaremos nesse artigo algumas possibilidades que se abrem a partir da interconexão de inteligências múltiplas através do EAD. Buscaremos identificar possíveis *linhas de fuga*, rotas alternativas que transcendam o mero instrumental de que dispõe a educação.

2. PLURALIZANDO A INTELIGÊNCIA

Durante muito tempo, o conceito de inteligência foi caracterizado por possuir um padrão *único*: acreditava-se que as pessoas nasciam com uma *determinada quantidade* de inteligência; dificilmente essa quantidade poderia ser alterada, em virtude de seu caráter *genético*; e essa inteligência era *mensurável*, podendo ser medida através de testes de QI ou instrumentos semelhantes. Em fins da década de 1970 e início da de 1980, Howard Gardner, notório psicólogo e pesquisador da universidade de Harvard, quebrou essa noção desenvolvendo uma nova perspectiva, a qual chamou “teoria das inteligências múltiplas”.

As bases para as conclusões de Gardner envolvem evidências antropológicas e evidências do estudo da mente humana. Através de uma investigação multidisciplinar, o autor chegou à seguinte definição da inteligência: a inteligência é “*um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados por uma cultura*” (GARDNER, 2001). A essas capacidades diversas de processamento da informação, GARDNER (2005) chamou de “*inteligências*”, no plural. Segundo o autor, existem, pelo menos, sete tipos de inteligências, quais sejam:

1. *Inteligência lingüística* – envolve a sensibilidade para a língua falada e escrita e tem origem na esfera auditivo-oral. Inclui-se nesse campo a habilidade de aprender línguas estrangeiras, a capacidade de construir narrativas e o uso da língua para atingir determinados objetivos. Podemos, por exemplo, identificar pessoas de inteligência lingüística elevada entre os escritores, poetas, advogados e os locutores.
2. *Inteligência lógico-matemática* – denota a capacidade de analisar problemas com lógica, realizar cálculos e operações matemáticas, e mover-se no mundo dos números. É a inteligência dos matemáticos, dos físicos, dos engenheiros e de outros profissionais que exercem atividades afins.
3. *Inteligência musical* – envolve uma especial habilidade na atuação, na composição e, também, na apreciação da música e de padrões musicais. Gardner acredita que essa inteligência tem uma estrutura quase paralela à da inteligência lingüística, não havendo sentido caracterizar uma de inteligência (a lingüística) e a outra de talento.
4. *Inteligência espacial* – trata-se da capacidade de reconhecer e manipular os padrões do espaço, envolvendo também a criação de representações ou imagens mentais espaciais. É a inteligência dos pilotos de avião, dos arquitetos, pintores, escultores, jogadores de xadrez, entre outros.
5. *Inteligência corporal-cinestésica* – essa quinta representação mental acarreta a capacidade, ou potencial, de resolver problemas ou criar produtos utilizando partes do corpo, como as mãos ou a boca. Esse tipo de inteligência é fundamental para artesãos, cirurgiões, mecânicos, atletas, atores e dançarinos, por exemplo.
6. *Inteligência interpessoal* – é a capacidade de compreender as intenções, as motivações e os desejos dos outros, sabendo, conseqüentemente, trabalhar de modo eficiente com terceiros. COSTA e SANTOS (2002) definem esse tipo como a “inteligência do relacionamento social efetivo, da empatia, da liderança, da diplomacia e da influência

social”. De fato, é a inteligência que encontramos nos bons professores, vendedores, líderes políticos e religiosos, para citar alguns exemplos.

7. *Inteligência intrapessoal* – complementando a interpessoal, a inteligência intrapessoal dirige-se à própria pessoa, ao seu interior. Trata-se da capacidade de conhecer a si próprio, identificar seus sentimentos, objetivos, medos, forças e fraquezas pessoais e, ao mesmo tempo, ter domínio sobre suas emoções e sobre si mesmo.

Esses sete tipos de inteligência foram listados na primeira edição do livro *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, de 1983. Posteriormente, Gardner apontou, ainda, a existência de uma oitava inteligência – a *naturalista* – que denota a capacidade de fazer discriminações no mundo natural, demonstrando uma experiência ímpar na classificação de numerosas espécies de seu meio ambiente. O autor cogitou a possibilidade de existirem mais dois tipos de inteligência, ainda sujeitos a confirmação. São os casos das inteligências *espiritual e existencial*.

GARDNER (2001) afirma que cada pessoa possui uma mistura singular de inteligências. O grande desafio que se propõe à humanidade é o de descobrir “*como aproveitar a singularidade a nós conferida na qualidade de espécie que exhibe várias inteligências*”.

2. AMBIENTE DE MUDANÇAS E O RENASCIMENTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O sociólogo espanhol Manuel CASTELLS, no livro *Fim de Milênio* (1999), que constitui o terceiro volume de sua trilogia *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, afirma que a revolução tecnológica baseada na informação, especialmente a partir das duas últimas décadas do século XX, foi o elemento catalisador de uma série de mudanças que afetou vários aspectos da sociedade: “o nosso modo de pensar, de produzir, de consumir, de negociar, de administrar, de comunicar, de viver, de morrer, de fazer guerra e de fazer amor”.

Trata-se do movimento geral de *virtualização*, identificado por Pierre LÉVY (1996), que afeta, atualmente, a comunicação, a informação, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade e o próprio exercício da *inteligência*. Mais além: afeta as modalidades do estar junto, a constituição do “nós” – tome-se o exemplo das organizações *virtuais*, as comunidades *virtuais*, a democracia *virtual* e os próprios relacionamentos *virtuais*. A virtualização é uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização: estamos falando de verdadeiras transformações sociais. “*O virtual possui uma plena realidade, enquanto virtual*”, nos diria DELEUZE (1995).

Ao mesmo tempo em que assistimos a essas mudanças, observamos uma grave crise em nosso sistema educacional tradicional, ainda engessado ao modelo de transmissão no sentido *professor-aluno*. Apesar da teoria das inteligências múltiplas já haver completado mais de vinte anos, na maior parte das escolas e universidades ainda prevalece o paradigma do padrão único de inteligência. As inteligências linguística e lógico-matemática são as tipicamente valorizadas nesse sistema, normalmente ancorado em aulas expositivas, leitura, escrita e cálculo. GARDNER (2001) afirma que qualquer abordagem pedagógica uniforme só serve otimamente a uma pequena parcela de estudantes. Uma vez que se sabe que as pessoas apresentam enormes diferenças nas formas como adquirem e representam o conhecimento, o grande desafio da educação, portanto, passa a ser o de fazer com que essas diferenças sejam o ponto central do ensino e do aprendizado. Do contrário, o sistema educacional continuará

atendendo apenas a uma *elite*, particularmente aqueles que aprendem de uma determinada maneira, em geral, lingüística ou lógico-matemática.

Segundo NOGUEIRA (2003), a educação está passando por uma crise de sentido, uma crise de complexidade. A educação se confronta com o desafio de responder às necessidades das crianças, dos jovens e dos adultos que “*vivem em um mundo caracterizado por uma exaltação de mudança, uma perda de sentido e de certezas, uma falta de referências, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, em um mundo pleno de possibilidades e criações*”.

De fato, observa-se um movimento paralelo, ainda tímido, mas que parece representar uma *linha de fuga*, uma nova direção para as práticas educacionais. Uma das revoluções no campo educacional que representa um grande potencial para atender os diversos tipos de inteligência postulados por Gardner é a modalidade conhecida como *Educação Aberta e a Distância* (EAD).

GARDNER (2005) diz que até mesmo as mudanças que irrompem subitamente geralmente mascaram processos sutis, que se consolidam ao longo do tempo. Ao contrário do que se pensa – que o ensino a distância é algo novo, um advento das novas tecnologias ligadas à Internet –, trata-se de uma prática bastante antiga, que remonta às cartas de Platão aos seus discípulos e às epístolas de São Paulo às primeiras comunidades cristãs. PETERS (2004) apresenta algumas perspectivas históricas do desenvolvimento dessa forma de ensino. Segundo o autor, após as primeiras tentativas singulares na antiguidade, na segunda metade do século XIX ocorreu uma difusão “inesperada e surpreendente” da prática de *educação por correspondência*. Nessa época, surgiram diversas escolas por correspondência em países como a Inglaterra, França e Alemanha, oferecendo instrução às pessoas que eram deixadas de lado pelo sistema educacional e para aquelas que moravam longe de seus países de origem, nas colônias. Já nos anos 1970, a EAD ganhou novo impulso através das “universidades de ensino a distância”. Essa fase pode ser caracterizada pelo uso adicional de dois meios de comunicação: o rádio e a televisão. Mais tarde, o vídeo e as fitas cassetes também foram incorporados às ferramentas da EAD. Finalmente, chegamos à fase do ensino e aprendizagem *on-line*, possibilitada pelos novos formatos de comunicação digital e às possibilidades de interação em ambientes virtuais de aprendizagem situados no *ciberespaço*.

Por *ciberespaço*, também chamado de “rede”, entende-se, conforme LÉVY (1999), o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores [internet]. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. De acordo com LEMOS (2002), o *ciberespaço* é um ambiente de circulação de discussões pluralistas, que reforça competências diferenciadas e aproveita o rastro de conhecimento que é fomentado pela formação de laços comunitários, o que pode potencializar a troca de competências, gerando a coletivação dos saberes.

Particularmente, a partir da fase mais recente da EAD, o tema vem atraindo a atenção de profissionais das mais diversas áreas, desde sociólogos, filósofos, psicólogos e educadores até administradores e empreendedores. Os primeiros, provavelmente interessados nas transformações e conseqüências que o “novo” modelo educacional pode acarretar às pessoas e à sociedade. Os últimos, sem dúvida pelas facilidades que a EAD proporciona e também pelos novos tipos de mercado e negócios que se abrem a partir da exploração de novas práticas educacionais. PALLOF e PRATT (2002) identificam essa fase como um “momento de transição”. As instituições acadêmicas, segundo os autores, estão, cada vez mais, voltando-se ao uso da internet para ministrar cursos a distância e ampliar o número de programas educacionais oferecidos em seus *campi*.

BAYMA (2004) atenta para a necessidade de se explorar todas as possibilidades que se abrem a partir das tecnologias da Educação a Distância. Não se pode limitar a EAD a ser uma reprodução das aulas tradicionais. A autora compara essa prática (pouco criativa) com os primórdios do cinema, quando os filmes se limitavam a reproduzir o teatro (filmava-se o palco), evidenciando-se o receio de mudar. “*É fundamental explicitar as vantagens das ferramentas e marcar as potencialidades que essas mídias podem contribuir para ir além das aulas tradicionais*”.

Podemos dizer, então, que a EAD consiste em um processo que enfatiza (ou deve enfatizar) a construção e a socialização do conhecimento (SCHLEMMER, 2005). Ao contrário do sistema educacional tradicional, no ensino a distância, o *professor-transmissor* de conteúdos é substituído por um novo tipo de educador. LÉVY (1999) chamaria esse novo professor de “*animador da inteligência coletiva*” dos grupos que estão a seu encargo. O autor defende a idéia de que a competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. Sua atividade deve ser centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: “*o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc.*”.

PALLOF e PRATT (2002) seguem a mesma linha, estabelecendo o fim da comunicação unidirecional do conhecimento. Os autores partem do reconhecimento que os processos de aprendizagem devem ser compostos por interações entre os próprios estudantes, entre os professores e os estudantes e pela colaboração na aprendizagem que resulta dessas interações. Nogueira (2003) postula que nos ambientes de aprendizagem virtuais, todos os conceitos e teorias estão interconectados e não apresentam hierarquias. Isso implica em um sistema aberto à participação, capaz de gerar crescimento e transformações sem fim.

GARDNER (2001) também revela um grande entusiasmo em relação aos diversos caminhos que se abrem com as novas ferramentas digitais. Para o autor, tais tecnologias colocam em jogo a possibilidade de um “salto quântico” na prestação de serviços individualizados para alunos e professores. Atualmente, já é possível criar programas computacionais voltados para as diferentes inteligências, permitindo ao aluno demonstrar sua compreensão em vários sistemas de símbolos – *lingüístico, numérico, musical, gráfico, etc.* -, além de permitir ao professor examinar os trabalhos dos alunos de forma mais rápida e flexível. Gardner (2001) enfatiza a utilização do correio eletrônico, *web sites*, videoconferências, entre outras ferramentas utilizadas amplamente no ensino a distância. Também leva em consideração o desenvolvimento de “sistemas inteligentes”. Em suas palavras: “*esses sistemas devem ser capazes de permitir variar tanto os exercícios quanto o retorno pedagógico baseado no êxito ou nos fracassos anteriores. (...) As tecnologias correntes parecem feitas sob medida para tornar real o tipo de abordagem das IM (inteligências múltiplas) que aqui defendo*”.

3. MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS EM CONEXÃO: UMA CULTURA DE COMUNIDADE

Percebe-se que a proposta dos autores entusiastas da EAD é remover as distâncias entre professores e alunos e colocar todos os atores em contato, apontando seus conhecimentos individuais, seus saberes e suas *inteligências* uns para os outros. O filósofo Pierre Lévy é um dos principais pensadores que defendem esse formato de ensino e aprendizagem. Eis o que propõe em seu livro *Cibercultura* (1999):

No lugar de pirâmides estruturadas em níveis, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, devemos preferir a

imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

Resulta que os princípios envolvidos no ensino a distância são aqueles atribuídos a uma forma mais ativa e colaborativa de aprendizagem, porém, com uma diferença: deve-se prestar atenção ao desenvolvimento de um sentido de comunidade entre os participantes. Esse é um dos principais fatores para que o processo seja bem sucedido (PALLOFF e PRATT, 2002). “A comunidade é o veículo através do qual ocorre a aprendizagem *on-line*”. SCHLEMMER (2005) define uma comunidade virtual como um coletivo mais ou menos permanente, dependendo dos interesses dos membros, que se organiza através de ferramentas oferecidas pelo ciberespaço. Essas comunidades, segundo a autora, alimentam-se do fluxo das interações, das relações humanas desterritorializadas, transversais e livres.

LÉVY (1999) coloca que o desenvolvimento das *comunidades virtuais* se apóia na interconexão. Elas se constroem sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Em se tratando de Educação a Distância, as comunidades que se formam em torno dos objetivos de seus participantes são conhecidas como *comunidades de aprendizagem*. PALLOFF e PRATT (2002) colocam que o fator de distinção no ensino a distância é a formação de uma comunidade desse tipo – e não apenas de uma comunidade (virtual) social. Enquanto essa se forma em torno de objetivos de interesses diversos, uma comunidade de aprendizagem funda-se no incentivo e apoio à aquisição do conhecimento. Há um estímulo generalizado para a aprendizagem em conjunto, renovando a paixão pela descoberta de novos mundos da educação. “A colaboração, resultado da aprendizagem em conjunto, cria uma sensação de sinergia. (...) O resultado final do conhecimento adquirido e compartilhado é muito maior do que aquele que seria gerado por meio do envolvimento individual e independente com o que se estuda”. LÉVY (1999) recorda que os professores também ganham nesse processo: eles aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente seus saberes disciplinares e suas competências pedagógicas.

O interesse primordial para que um grupo humano se constitua como uma comunidade virtual, seja ela *social* ou de *aprendizagem*, é o de se aproximar do ideal do *coletivo inteligente*. Não precisamos, conforme LÉVY (1999), ser inteligentemente dirigidos por terceiros, mas sim nos tornarmos inteligentes em massa, coletivamente. O termo “coletivo” não se emprega aqui apenas para caracterizar a ligação entre mentes “reais” que se comunicam, mas também para a comunicação entre mentes mortas, vivas e as virtuais que estão por vir (LÉVY, 2004). A via da inteligência coletiva possibilitaria, progressivamente, a criação de formas de organização social e de regulação que permitiriam o pensamento conjunto, a integração das forças intelectuais, a multiplicação de imaginações e experiências e a negociação em tempo real das soluções práticas para os complexos problemas que atravessa a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o que realmente está em jogo? Trata-se apenas de uma nova (ou atualizada) forma de ensino e suas novas ferramentas ou podemos ir mais além?

Quando falamos em educação, não podemos nos situar apenas no plano instrumental. A grande questão é: “*queremos a educação para quê?*” (GARDNER, 2001). Nesse ponto,

estamos de acordo com Howard Gardner, Leonardo Boff, Edgar Morin e Pierre Lévy, dentre outros autores, que consideram que o fim último da educação deve ser o aprofundamento da compreensão humana. “*Tornar a consciência humana consciente dela mesma*” (LÉVY, 2001).

Nenhuma técnica de comunicação traz por si a compreensão. A compreensão não pode ser quantificada: ela opera-se unicamente na consciência humana. Nela, encontra-se a verdadeira missão do ser humano: “*ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade e moral da humanidade*” (MORIN, 2004).

Leonardo BOFF (2004), tecendo suas considerações acerca da Educação a Distância, frisou exatamente isso: “*todo o saber possui uma destinação humanitária e social. Trata-se de defender, expandir e elevar a vida em níveis cada vez mais altos e dignos*”. Devemos, conforme o autor, utilizar as novas tecnologias e os novos saberes socializados pela Educação a Distância para propiciar o surgimento de um estado de consciência que seja adequado à nova “*fase planetária da humanidade*”, onde aflora uma consciência humana “*mais sensível, mais cuidante, mais apta à cooperação, à solidariedade*”.

Os saberes evoluem continuamente. É impossível barrar o acesso do ser humano a novas descobertas, a níveis mais profundos de conhecimento. A questão de ampliar a consciência humana é essencial, pois podemos fazer de nosso conhecimento tanto um uso construtivo, edificador, criativo, como também amplamente destrutivo, aniquilador, mortal. GARDNER (2001) considera que as vivências de compreensão que realmente importam são as que fazemos como seres humanos em um mundo imperfeito, que podemos afetar positiva ou negativamente.

Uma ótima alternativa para atingirmos novos níveis de compreensão e de consciência é colocar em conexão as inteligências múltiplas da humanidade, percorrendo a via de uma “*inteligência coletiva*”. O que temos nas mãos, agora, é a oportunidade de pôr em prática esse ideal e gerar sinergia em torno de diferentes saberes, diferentes olhares, diferentes *pessoas*.

Falamos de *possibilidades* que estão inscritas no movimento geral de virtualização pelo qual está passando a humanidade. Conseguimos enxergar linhas de fuga, alternativas para a expansão da consciência e para a construção de uma nova sociedade. Não se trata apenas de *educação a distância*. Trata-se da possibilidade de ampliar os alcances da educação através de um instrumento que traz em si o potencial de construção coletiva do conhecimento, respeitando os diferentes tipos de inteligência dos atores envolvidos. Seguimos a orientação de Lévy (2001), para quem “*a verdadeira educação e a verdadeira aprendizagem fundem todas as disciplinas em uma apreensão global para a qual a aprendizagem de si é tão importante quanto o conhecimento do mundo. Um conhecimento de si que finalmente nos leva a perceber que somos, todos juntos, uma consciência iluminando o mundo*”. Por fim, tampouco se trata de soluções; trata-se de novos problemas que anseiam pelo “*nós*”, pelo “*plural*”, pelo “*comum*” e pelo “*coletivo*”.

6. REFERÊNCIAS

As referências devem ser escritas segundo o padrão apresentado a seguir - use estilo Referências.

BAYMA, Fátima. Educação a distância e educação corporativa. In: BAYMA, Fátima. Educação corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

BOFF, Leonardo. Desafios humanísticos e éticos da educação a distância. In: BAYMA, Fátima. Educação corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Fim de milênio. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CINTRA, Hermano José Marques. Comunidades Virtuais: alguns conceitos e casos práticos. In: TERRA, José Cláudio Cyrineu. Gestão do Conhecimento e E-learning na Prática. São Paulo: Negócio Editora, 2003.

COSTA, Silvia Generali da; SANTOS, Francisco Araújo. Evolução das teorias cognitivas: considerações acerca do conceito de inteligência. In: Revista Análise, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2002.

DELEUZE, Gilles. Difference & Repetition.. New York: Columbia University Press, 1995.

GARDNER, Howard. Mentres que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas idéias e as dos outros. Porto Alegre: Bookman, 2005.

_____. Inteligência: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEMONS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002

LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

NOGUEIRA, Solange Maria do Nascimento. Educação a distância e a formação dos educadores. In: ALVES, Lynn.; NOVA, Cristiane. Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, Otto. A educação a distância em transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

RAMAL, Andréa Cecília. Educação a distância: entre mitos e desafios. In: ALVES, Lynn.; NOVA, Cristiane. Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

SCHLEMMER, Eliane. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: BARBOSA, Rommel M. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SILVA, Marco. EAD on-line, cibercultura e interatividade. In: ALVES, Lynn.; NOVA, Cristiane. Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

WOLYNEC, Elisa. O potencial das tecnologias de e-learning e as perspectivas de curto e médio prazos. In: BAYMA, Fátima. Educação corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.